

Efeitos de atenuação no discurso político: polidez e preservação da face na interação verbal¹

Vanessa Hagemeyer Burgo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: Este trabalho visa a discutir o papel dos recursos linguísticos que operam como estratégias de atenuação, polidez e preservação da face na fala do ex-presidente Lula. A pesquisa está fundamentada nos princípios da Análise da Conversação, e o *corpus* é constituído de uma entrevista transmitida no programa “Fantástico”, da Rede Globo de televisão, em 01 de janeiro de 2006. Assinalamos que as estratégias empregadas pelo falante nos excertos analisados colaboram para abrandar situações difíceis e minimizar a carga problemática de determinados assuntos em uma interação verbal.

Palavras-chave: atenuação; polidez; preservação da face; interação verbal.

Abstract: The aim of this article is to discuss the role of mitigating devices used by former President Lula, focusing on politeness strategies assimilated to face-work procedures that he employs whilst speaking. The theoretical framework is based on the principles of Conversation Analysis, and the *corpus* is composed of an interview featured by “Fantástico”, a Brazilian program aired by Globo, a television broadcasting channel, on January 1st 2006. We highlight that the strategies employed by the speaker in the excerpts under analysis corroborate the attenuation of certain difficult situations as well as soften the force of problematic issues presented during a verbal interaction.

Keywords: mitigating devices; politeness; face-work; verbal interaction.

Resumen: El objetivo del presente estudio es analizar la función de las estrategias de mitigación, cortesía y actividades de imagen social empleadas en el discurso oral del ex presidente Lula. La investigación tiene su base en las teorías del Análisis de la

1. Recebido em 31/05/2012. Aprovado em 12/11/2012.

Conversación y el *corpus* está constituido por una entrevista del programa televisivo brasileño *Fantástico*, emitido el 1 de enero de 2006. Los resultados de este análisis permiten sugerir que los roles desempeñados por las estrategias usadas por el hablante en los fragmentos estudiados pueden contribuir a la atenuación de los daños potenciales sobre su imagen en situaciones difíciles y reducir la carga de algunas cuestiones problemáticas en la interacción verbal.

Palabras clave: mitigación; cortesía; actividades de imagen social; interacción verbal.

Introdução

A interação, entendida como uma ação conjunta e socialmente planejada, advém da reciprocidade comportamental dos indivíduos. O termo “interação”, segundo Yule (1996: 71), pode ser aplicado a um grande número de encontros variados como, por exemplo, uma professora falando com seus alunos na sala de aula. O tipo de conversação difere, conforme o contexto de interação, entretanto, a estrutura da conversa, ou o modelo básico “eu falo - você fala - eu falo - você fala” é decorrente do tipo de interação que as pessoas adquirem, ao longo da vida, e que é o mais usado. Essa é a estrutura da conversação.

Segundo Marcuschi (2006: 05), a conversação:

É a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano [...], desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística (*sic*) dos falantes.

Goffman (1999: 23) postula que a “interação (isto é, interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata”. Assim, para levar uma interação a bom termo, é extremamente importante saber usar

adequadamente os recursos que a língua oferece, sobretudo, quando o falante enfrenta situações difíceis e que entram em atrito com seus objetivos e os de seu interlocutor. Nesse caso, é preciso lançar mão de certas estratégias sociointeracionais que servirão para abrandar o conflito.

Dessa forma, observa-se a relevância de se discutir o modo como os procedimentos de atenuação, de polidez e de preservação da face são empregados pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em textos falados espontâneos.

Cabe considerar que a função dos procedimentos supracitados não é fixa e, na maioria dos casos, eles podem exercer mais de um papel e, por essa razão, preferimos focalizar a análise nas funções predominantes de cada recurso nos exemplos expostos.

A noção de Face

O conceito de face foi desenvolvido por Goffman (1974) e reelaborado por Brown e Levinson (1978), os quais ampliaram essa noção, empregando os termos “face positiva” e “face negativa” em seus estudos acerca da polidez. Segundo Goffman (1974: 09), face é o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si por meio da linha de ação que os outros pressupõem que ela tenha adotado durante um contato específico. “A face é uma imagem de si delineada segundo certos atributos sociais aprovados”².

Toda pessoa vive em um mundo social que a conduz a estabelecer contatos com os outros. É nesses contatos, portanto, que o indivíduo tende a exteriorizar opiniões, apreciações, julgamentos e pontos de vista que os levam a adotar uma determinada linha de ação. Por linha de ação, entende-se, conforme o referido autor, que os indivíduos desempenham um padrão de atos verbais e não verbais que retratam a versão do falante acerca da situação, dos outros e de si próprio. O locutor faz, portanto, uma avaliação dos participantes e, sobretudo, de si mesmo, de tal forma que sua linha de

2. “La face est une image du moi délinéée selon certains attributs sociaux approuvés” (tradução nossa).

ação apresente uma visão do “eu”. Além disso, essa linha precisa entrar em acordo com a forma como ele deseja que os outros a vejam.

Um indivíduo preserva a face quando sua linha de ação é condizente com aquela esperada pelos participantes, ou seja, quando manifesta uma imagem que se apoia nos pressupostos e julgamentos dos interactantes, aprovados pela linha de ação adotada pelo locutor. A face não está alojada no interior ou na superfície de quem a possui, mas está diluída no fluxo de eventos do encontro, e manifesta-se quando os participantes estão dispostos a decifrar, nesses eventos, os julgamentos que são expressos.

Galembek (1999: 174) assevera que “as circunstâncias particulares em que se desenvolvem os diálogos fazem com que neles a preservação da face seja uma necessidade constante.” Já que não é possível prever as ações desenvolvidas pelo outro interlocutor, “o falante adota mecanismos que assegurem o resguardo do que não deseja ver exibido e coloquem em evidência aquilo que desejam ver exibido.” Assim:

A necessidade de preservação da face torna-se particularmente relevante em determinadas situações, nas quais o falante se expõe de forma direta: pedidos, atendimento de pedidos ou recusa em fazê-lo, perguntas diretas e indiretas, respostas, manifestações de opiniões. Cabe acrescentar que a preservação da face deve ser necessariamente considerada em relação ao quadro geral da interação, e não como uma atitude isolada do falante (Galembek 1999: 174).

A aceitação mútua das faces é um atributo estrutural e fundamental de toda interação, e isso é inteiramente compatível com embates, disputas, divergências de opiniões, já que as regras de um jogo justo ainda são identificáveis. A proteção da face é “uma condição da interação, não seu objeto”; é vista como uma prática social em todas as culturas ou grupos. Espera-se que os membros de um grupo preservem suas faces, não somente por seus aspectos defensivos, como proteger a própria face, mas, também, por aqueles que protegem as faces dos outros. Um indivíduo pode ameaçar não apenas sua própria face, como pode ameaçar a dos outros, de forma voluntária ou não (Kotthoff 2000: 61).

Atenuação e polidez

É importante salientar que a atenuação pode denotar polidez, no entanto, esta não implica, necessariamente aquela. De acordo com Rosa (1992: 28), é difícil diferenciar os conceitos de atenuação e polidez, “pois o efeito de sentido resultante do enunciado parece apontar para a vinculação funcional do que é polido e do que é atenuado.” No dizer da autora:

Apesar da dificuldade apontada, a polidez é, sem dúvida, um fenômeno mais vasto que a atenuação, podendo prescindir dos chamados procedimentos ou elementos atenuadores. Embora nem toda estratégia de polidez indique a tentativa de evitar ou diminuir a responsabilidade pelo que é dito, em alguns casos, o simples cuidado que todo locutor apresenta com a própria face sugere tal motivação [...] Evitar responsabilidades pelo que se diz é, assim, parte das preocupações com a face, e pode ser sugerido pelo uso de uma estratégia de polidez com ou sem elementos atenuadores (Rosa 1992: 28-29).

A polidez é um fenômeno social, e sua finalidade é manter a harmonia na interação, de modo a estabelecer a cordialidade nas relações entre os participantes. Para Schneider (1998: 51), ela é normalmente expressa em estruturas gramaticais, por meio de “convenções pragmáticas reconhecidas por uma dada sociedade como portadora de certa força ilocucionária intencional (e.g., *por favor...*, *você poderia...*, etc.)”. Em conversações, é natural que os interactantes cooperem para “a manutenção da face um do outro, havendo uma espécie de acordo tácito entre eles. Assim, normalmente, a face de uma pessoa é mantida quando a face da outra que interage também é mantida” (Silva 1998: 109).

A teoria de polidez proposta por Brown e Levinson (1987) baseia-se na noção de face formulada por Goffman (1974), porém apresenta um aporte teórico mais elaborado a respeito do assunto. Dessa forma, os autores assinalam dois aspectos concernentes à autoimagem socialmente construída:

a face negativa e a face positiva. A face negativa refere-se à reivindicação aos territórios, reservas pessoais, direitos à não distração, como, por exemplo, a liberdade de ação e a liberdade de imposição. A face positiva é a autoimagem ou “personalidade” reivindicada pelos interactantes, incluindo-se, principalmente, o desejo de que essa autoimagem seja apreciada, reconhecida e aprovada (Goffman 1974: 61). Em outros termos, a face negativa de um indivíduo é a necessidade de ser independente, de ter liberdade de ação, de não sofrer imposições, interrupções ou impedimentos dos outros, e de manter seu território protegido. A face positiva de um indivíduo é a necessidade de ser aceito pelos outros, de ser tratado como um membro do mesmo grupo, e de saber que suas necessidades são compartilhadas com os outros. A noção de face, portanto, está intimamente ligada aos desejos ou necessidades dos indivíduos.

Nas interações sociais do dia-a-dia, as pessoas, normalmente, comportam-se de acordo com suas expectativas e desejos em relação à autoimagem pública (*face wants*) que querem ver respeitadas. Os autores tratam os aspectos da face como necessidades básicas, ou seja, os membros conhecem, em geral, os desejos dos outros e suas intenções em satisfazê-los. Porém, há situações em que a face pode ser ignorada, não apenas em casos de colapsos sociais (insultos ou afrontamentos), mas, também, em casos de cooperação urgentes ou que exijam uma eficiência imediata, como em situações de perigo ou emergência. Por isso, os componentes da face podem ser reestabelecidos e definidos da seguinte forma:

- a) Face negativa: “o desejo de todo ‘membro adulto competente’ de que suas ações não sejam interrompidas pelos outros”³;
- b) Face positiva: “o desejo de todo membro de que suas necessidades sejam desejáveis, ao menos, a alguns”⁴ (Goffman 1974: 62).

3. “the want of every ‘competent adult member’ that his actions be unimpeded by others” (tradução nossa).

4. “the want of every member that his wants be desirable to at least some others” (tradução nossa).

Complementando esse assunto, Marcuschi (1989) assevera que todo indivíduo possui uma face positiva e outra negativa. A primeira, como se viu, diz respeito ao desejo de assentimento e aceitação de sua personalidade e desejos, e a segunda corresponde ao âmbito pessoal a ser protegido, isto é, a independência de ação, sem imposições. Como o interesse de preservação da face é mútuo, cada pessoa funda estratégias que buscam reduzir os riscos de ameaças.

No decorrer de uma interação social, todo falante intenciona preservar a face para que a interação se desenvolva sem problemas; o indivíduo se preocupa em preservar sua face tanto quanto o faz para respeitar a do outro. Nesse sentido, para a preservação da face negativa, há a necessidade de proteger o território privado, a intimidade, e para a preservação da face positiva, o interlocutor objetiva ser reconhecido e valorizado pelo outro. Isso pode gerar um conflito, uma vez que a intenção de o indivíduo preservar, por exemplo, a face negativa, pode chocar com a intenção do outro de preservar sua face positiva. Nas palavras de Belchí (1994: 332):

[...] a defesa do próprio território por parte do indivíduo A entra em conflito com o desejo de travar relações do indivíduo B. Partindo desse princípio, é fácil chegar à conclusão de que toda interação é essencialmente conflituosa, ainda que, felizmente, não é sempre no mesmo grau⁵.

A interação comunicativa instaura, essencialmente, situações conflituosas e, nesse sentido, a condição indispensável para que ela se desenvolva sem problemas é que os participantes, segundo Belchí (1994: 343), “preservem a face de seu interlocutor mantendo um equilíbrio entre o desejo de aproximação e o respeito à intimidade do outro”⁶.

5. [...] la defensa del propio territorio por parte del individuo A entra en conflicto con el deseo de entablar relaciones del individuo B. Partiendo de esta base es fácil llegar a la conclusión de que toda interacción es esencialmente conflictiva, aunque afortunadamente no lo es siempre en el mismo grado (tradução nossa).

6. “preserven la cara de su interlocutor manteniendo un equilibrio entre el deseo de acercamiento y el respeto a la intimidad del otro” (tradução nossa).

Brown e Levinson (1987) advogam que, durante a conversação, existem atos de linguagem ameaçadores da face (chamados, em inglês, de “*face-threatening acts* ou *FTAs*”) e, a partir disso, buscam identificar estratégias de polidez destinadas à manutenção da face dos interlocutores quando realizam um FTA, a saber:

a) *Bald-on record*: realize o FTA explicitamente e sem ação reparadora. É uma estratégia que não fornece esforço algum para reduzir o impacto do FTA, ou seja, não há esforço para minimizar a ameaça à face do indivíduo com quem se fala (o ouvinte). Geralmente, essa estratégia é utilizada entre pessoas que se conhecem bem, como amigos próximos e familiares. Exemplificando: “Lave os pratos” ou “Pegue o jornal lá fora”.

b) *Positive Politeness*: realize o FTA explicitamente, com ação reparadora (cortesia positiva); procura-se minimizar a ameaça à face positiva do ouvinte. Há o reconhecimento de que o interlocutor possui um desejo a ser respeitado. Essa estratégia visa a demonstrar interesse e aceitação pelas opiniões e atitudes que o ouvinte reivindica para si e é frequentemente empregada em grupos de amigos ou em dada situação social em que as pessoas se conhecem relativamente bem, que possuem traços de personalidade conhecidos e admirados, supostamente recíprocos. No dizer de Schneider (1998:55), “a ameaça potencial de um ato é minimizada, neste caso, pela segurança de que o falante compartilha de alguns dos desejos dos ouvintes”, como nos exemplos “eu agradeceria se você lavasse os pratos”, ou “já faz tempo que você tomou o café da manhã, que tal servirmos o almoço?”.

c) *Negative Politeness*: realize o FTA explicitamente, com ação reparadora (cortesia negativa); pressupõe-se que o falante, apesar de reconhecer o desejo do ouvinte, de alguma forma, estará se impondo a ele. É evidente que a situação de embaraço e

desconforto será maior do que ocorre nas estratégias anteriores, pois se trata de um recurso que impõe o desejo do falante em permanecer autônomo. São alguns exemplos: “Eu não quero lhe interromper, mas...”; “Sei que você está sem muito dinheiro, mas poderia me emprestar...”; “Me desculpe, mas...”. Nesses casos, é muito provável que o ouvinte venha a acatar a solicitação em respeito à habilidade do falante em manter sua autonomia. De acordo com Schneider (1998:55), a polidez negativa “inclui estratégias tais como os atenuadores, as formas indiretas convencionais, a deferência, os agradecimentos, e a dissociação da pessoa da imposição”.

d) *Off-record* (estratégias indiretas): realize o FTA implicitamente, de forma encoberta. O falante procura distanciar o efeito de imposição, utilizando, para tanto, uma linguagem indireta que contribui para afastar a pressão sobre ele. Um exemplo disso seria o locutor dizer “está frio aqui”, esperando que o(s) ouvinte(s) feche(m) a janela ou ligue(m) o aquecedor.

e) Não realizar o FTA.

Com efeito, a polidez garante a preservação das faces, tanto de falante quanto de ouvinte, quer seja realizada por meio de estratégias de polidez positiva, quer seja por meio de estratégias de polidez negativa.

Procedimentos e marcadores de atenuação

Atenuação, neste trabalho, é conceituada como os procedimentos que têm por objetivo diminuir a força ilocutória dos enunciados e abrandar efeitos de sentido não convenientes aos interesses e propósitos do falante, e isso só pode ser analisado dentro de um contexto interacional específico. Trataremos, portanto, dos meios e recursos atenuadores de natureza variada, e entre eles incluem-se, também, os marcadores de atenuação.

Rosa (1992: 30-31), com base no preceito de atenuação exposto, observa que alguns procedimentos de atenuação “podem ser considerados como marcadores conversacionais, pois correspondem às margens de uma unidade discursiva⁷ e a formas linguísticas de recorrência e fixidez considerável”. Esses elementos são denominados marcadores de atenuação. Já os procedimentos de atenuação diferem dos marcadores por dois critérios. O primeiro é que os marcadores de atenuação, em função de corresponderem às margens da unidade discursiva, normalmente, localizam-se à esquerda e à direita do núcleo da unidade, e quando estão situadas no interior do núcleo, estabelecem relações de dependência sintático-semânticas com o mesmo. Já os procedimentos de atenuação podem interferir e modificar o núcleo da unidade discursiva a qual pertencem, como, por exemplo, as paráfrases atenuadoras. O segundo critério concerne à relativa fixidez formal e à grande frequência de uso, e isso põe em xeque a natureza formulaica dos marcadores, já que apresentam-se como expressões com alto grau de convencionalidade e uso, sobretudo do ponto de vista pragmático. A autora afirma que:

Embora os marcadores de atenuação também admitam alguma variação na forma, em sua maioria tendem a ser palavras, expressões e frases bastante estereotipadas. Com relação à sua fixidez no tempo, são frequentes e recorrentes. Mas sua utilização no contexto pode variar, conforme o marcador enfocado. Quando os procedimentos de atenuação ocorrem às margens de uma unidade discursiva (UD), a distinção entre estes e os marcadores se dá pela observação do grau de formulaicidade apresentada: são, essencialmente, construções linguísticas de baixa fixidez na forma [...] (Rosa 1992: 33).

7. Gumperz (1982:107) denomina unidade discursiva “pedaços do enunciado”, mas afirma que os analistas do discurso se referem a essas unidades como “unidade da informação” (Halliday) e “unidade de idéia (*sic*)” (Chafe). Apesar desses tratamentos distintos, adotaremos, no decorrer do trabalho, a explicação proposta por Castilho (2000:62): “a unidade do texto falado é a Unidade Discursiva, a que corresponde o parágrafo, na LE”. O autor assinala que “‘Assunto’, ‘Tópico Conversacional’ são expressões sinônimas”, e que a A UD “é a manifestação formal de um Tópico” (p. 66).

Consideramos, dessa forma, “procedimentos” de atenuação e de preservação da face os mecanismos empregados pelo falante para abrandar a força ilocutória do que diz, como estratégias destinadas à reduzir possíveis ameaças à imagem que deseja preservar, para obter aprovação dos ouvintes, e para garantir o resguardo do que não pretende ver exibido. Entre essas estratégias, salienta-se o uso da forma passiva, de determinadas expressões parentéticas e metadiscursivas, de certos advérbios, tempo e modos verbais, de evasivas, de paráfrases, de marcadores que indicam maior e menor envolvimento do falante, entre outros fenômenos linguísticos.

Análise e discussão dos dados

Os excertos foram extraídos de uma entrevista concedida ao repórter Pedro Bial, no programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, em 01 de janeiro de 2006, com duração de 34 minutos e 14 segundos. No primeiro exemplo, o entrevistador questiona o destino do Partido dos Trabalhadores (PT) após as denúncias de corrupção:

Excerto 1

Entrevistador: O senhor me permite enumerar alguns dados que... escandalizaram o país porque o PT era meio... tido como o partido que monopolizava a ética na política brasileira e isso em 2005 foi por terra... porquê?... bom... o deputado José Genoíno presidente do partido... disse que não tomou empréstimo tomou... caiu Sílvio Pereira secretário-geral caiu... o ex-ministro-chefe da Casa Civil... José Dirceu foi cassado... esses não são erros?

Entrevistado: São erros... *e tanto é que foram punidos...* o Genoíno saiu da presidência do PT... o Silvinho não está mais no PT... e o Zé Dirceu perdeu o mandato... o Delúbio saiu do PT... porque... *pra mim a apuração ela tem que ser feita...* (...)

Ao responder a pergunta do entrevistador, o entrevistado concorda prontamente com seu interlocutor e reforça a afirmação, no dizer “e tanto é

que que foram punidos”, seguidos de exemplos de punição aos que não agiram corretamente. Essa punição não alivia os delitos supostamente cometidos pelos políticos citados, pois trata-se de uma punição branda, que apenas os afastaram de cargos ligados ao PT e ao governo, e que, no entanto, nenhum deles teve que restituir o dinheiro, teoricamente, desviado.

Observa-se, portanto, que o entrevistado, ao tentar justificar a situação, lista as medidas punitivas ocorridas com os acusados como forma de aparentar ações realizadas, mesmo que indiretamente, por ele próprio, já que elas ocorreram durante seu mandato de Presidente. Na verdade, ele utiliza um conceito óbvio acerca de punição àqueles que estão sob denúncia pública, o que pode contribuir, positivamente, com seus argumentos, pois isso gera a imagem de um governante implacável na questão da justiça. Ele se refugia no senso comum (pra mim a apuração ela tem que ser feita), para atenuar o que diz e ganhar a adesão da plateia. Isso colabora para que transpareça a imagem de ser um grande partidário do combate à corrupção, isto é, um desejo de se identificar com aqueles que são, ou pelo menos dizem ser, honestos e que não aceitam impunidade. O ex-presidente faz uso de um discurso presente no inconsciente coletivo, visando à aproximação com a população. Na concepção de Jung (1981: 149):

Na medida em que aumenta a influência do inconsciente coletivo, a consciência perde seu poder de liderança. Imperceptivelmente, vai sendo dirigida, enquanto o processo inconsciente e impessoal toma o controle. Assim pois, sem que o perceba, a personalidade consciente, como se fora uma peça entre outras num tabuleiro de xadrez, é movida por um jogador invisível. É este quem decide o jogo do destino e não a consciência e suas intenções.

É claro, então, que o apelo ao inconsciente coletivo diminui a força do consciente e do pessoal. Com o ouvinte mais vulnerável, o entrevistado pode influenciá-lo, e assim, pode transformá-lo em uma peça facilmente manipulável, e que venha a aprovar suas atitudes. A ideia de que a corrupção

está sendo combatida pode ser aceita pela sociedade, o que corrobora a preservação da face positiva do entrevistado.

Há o emprego da locução adverbial “pra mim”, com função pragmático-interacional de emolduramento, caracterizado como um marcador de opinião, com valor atenuativo. Ele colabora para atenuar a discordância de opinião que o interlocutor possa manifestar, indicando a forma como o entrevistado deseja ser interpretado. O papel de emolduramento, no dizer de Rosa (1992:65):

[...] evidencia a intenção do locutor enunciador de orientar seu interlocutor sobre como interpretar o discurso em desenvolvimento. Seu emprego visa, ainda, a afastar possíveis tipificações negativas (como os disclaimers) e atos ameaçadores à face do interlocutor.

Excerto 2:

Entrevistador: O senhor já se/já se disse traído depois se solidarizou com aqueles que estavam envolvidos na corrupção se reunindo com eles afinal o senhor foi traído... éh:: ou é solidário? um exemplo o José Dirceu o traiu?

Entrevistado: *((riso)) veja... eu me considero... eu me considero traído por duas coisas... porque eu me dediquei parte da minha vida pra construir esse partido... eu com a minha mulher e com as minhas crianças as crianças dormiam na calÇAda pra ajudar a construir esse partido e não era uma vez eram mUltas vezes... dormiam na calçada... vendendo camiseta fazendo filiação... e a gente criou o partido exatamente para muDAR... a forma de fazer política nesse país... então eu me sinto traído porque alguns companheiros meus... fizeram práticas... fizeram práticas... sabe?... que não... condiziam... com... aquilo... que era... a história do PT... sabe? no caso do Zé Dirceu... no caso do Zé Dirceu... diferent/diferentemente do Delúbio que assumiu a responsabilidade... o Zé Dirceu ainda não não definiu seu processo ele foi cassado vai ter o relatório da CPI vamos aguardar pra ver o que vai acontecer... mas não quero nem julgar se eu fui traído por A ou por B... é que eu acho que o conjunto dos acontecimentos pra mim... sabe?... soou como se*

fosse uma facada nas costas de alguém... que junto com outros milhões de brasileiros dedicou parte da sua vida pra construir um instrumento político que pudesse ser diferente de tudo o que estava aí

No caso acima, o entrevistado inicia seu turno com um marcador paralinguístico (riso), no sentido de mostrar que não se sente ameaçado com tal pergunta e, ao mesmo tempo, manter a interação amigável. Vê-se, ainda, que ele não responde diretamente à pergunta feita pelo entrevistador; ele não diz “sim” ou “não”, exatamente para atenuar uma situação tensa e comprometidora e, assim, não expor sua face. O entrevistado emprega um procedimento que o distancia de uma posição vulnerável, que possa suscitar opiniões contrárias. Então, prefere esquivar-se da pergunta: responde o que lhe convém e não coloca, abertamente, um membro de seu grupo em xeque. Ele afirma que foi traído por coisas que apelam para o sentimentalismo e reconhecimento de sua trajetória de vida e que, por isso mesmo, ele se sente traído por companheiros que não condizem com a história do PT, sem, obviamente, expor aquele que ainda não assumiu ou não foi condenado pelas denúncias, que é o ex-ministro José Dirceu. O efeito de resignação é construído pelo anúncio “veja... eu me considero... eu me considero”, que convida inicialmente o ouvinte a ponderar (veja: marcador de envolvimento do ouvinte) e, em última instância, concordar com o que diz, auxiliado pela repetição de como se considera em relação ao assunto.

Tem-se a ocorrência da paráfrase realizada pelo uso do “então”, com valor conclusivo. Por meio dela, o entrevistado reforça sua imagem de pai que se doou ao partido e que merece que seus feitos sejam valorizados, independentemente de outros que não honraram esse comprometimento. Assim, ele se previne de objeções, preservando sua face.

No trecho “alguns companheiros meus... fizeram práticas... fizeram práticas... sabe?... que não... condiziam... com... aquilo... que era... a história do PT...”, vê-se a utilização das pausas como um expediente que serve para que o entrevistado pense naquilo que irá dizer. Elas são muito úteis quando não se pretende declarar algo que possa prejudicar o falante, por isso, ele opta

por não preencher sua fala com alguma assertiva que possa arranhar a face de determinados companheiros e, por conseguinte, sua própria face.

No conjunto dos procedimentos acima mencionados, percebemos que o ex-presidente assume que Delúbio Soares teve responsabilidade, mesmo porque, como foi provado pela CPI, ele não tem como negar. Entretanto, ele não se põe como o juiz desse caso, justamente para não dar ênfase ao acontecido. Baseia sua resposta em uma conclusão vaga, afastando sua responsabilidade de atribuir, precipitadamente, culpa a determinada pessoa, sobretudo, quando se trata de alguém ligado ao governo, como o ex-ministro José Dirceu.

Há, ainda, a ocorrência dos marcadores prefaciadores de opinião “eu acho que” e “pra mim”. Analisando o emprego de “eu acho que”, temos o conceito de Vogt (1989), que distingue dois verbos “achar” em português: o primeiro manifesta um palpite (na acepção de crer ou supor), quando o falante está arriscando uma afirmação da qual desconhece o valor da verdade; o segundo é empregado na acepção de considerar, julgar, e indica que está sendo feita uma apreciação subjetiva acerca de um objeto ou situação. No caso acima, pode-se dizer que essa marca linguística vai muito além de um mero “achismo”, julgamento ou opinião própria apenas; é um elemento atenuador, e que auxilia a compor o arquétipo do injustiçado, que no inconsciente coletivo, seria a pessoa traída que não quer saber ou não pode revelar quem o traiu para não expor mais a imagem construída e que deseja ver preservada.

A locução adverbial “pra mim”, por sua vez, assume a função de marcador que prefacia uma opinião, revestida de uma conclusão exclusivamente pessoal, mas que tende a atrair a aceitação popular por meio da identificação com as mazelas e percalços vividos pelos brasileiros.

Excerto 3:

Entrevistador: O senhor me desculpe mas quando o senhor fala de normas que já vinham anteriormente sendo executadas... me lembra... aquela frase da entrevista de Paris que de que o caixa dois do PT era apenas uma prática sistemática da política brasileira que o PT...

também fazia... o que... éh... surpreendeu muito o eleitor do PT que acreditava que o PT tinha vindo para acabar com esse tipo de prática

Entrevistado: Olha... primeiro que o *PT* cometeu um erro:: um erro::... que... é de uma gravidade incomensurável... *T*odo mundo sabe... e sabe o PT hoje... e sabe quem cometeu os erros que o *PT* cometeu um erro... que seRÁ... de difícil reparação pelo próprio PT... o PT... vai sangrar muito para poder... se colocar... diante da sociedade outra vez com uma CREdibilidade que ele conquistou... ao longo de vinte anos... Segundo (...)

Primeiramente, é preciso considerar que o entrevistador comete um ato ameaçador à face do entrevistado, por fazer declarações bastante incisivas e comprometedoras. O ex-presidente, então, admite que o PT cometeu um erro, mostrando concordância e parecendo indignado, o que gera uma identificação com o povo. Embora a admissão de culpa corresponda a um ato que causa um dano direto à face positiva, ele não o faz de forma a atribuir culpa a si mesmo, mas ao partido. Como não vê maneira de negar o que todos estão percebendo (alguém errou e todo mundo sabe), o mais apropriado é que tente afastar sua responsabilidade, mesmo que seja necessário comprometer seu grupo. No inconsciente coletivo, o fato de se assumir os erros representa que o indivíduo tem hombridade e, nesse caso, ocorre o mesmo efeito de sentido: buscar identificação com o ouvinte. O entrevistado tenta, com isso, passar a imagem de ser um governante que possui princípios e caráter. Trata-se de uma estratégia que visa a proteger sua face, pois não deseja que sua imagem seja arranhada e, por isso, transfere a culpa a outros. Tem-se, portanto, um procedimento que envolve a polidez positiva. Schneider (1998: 55) postula que “esta polidez é baseada em abordagem; ela ‘abençoa’ o rosto do endereçado pela indicação de que, de alguma forma, o falante compartilha dos desejos do ouvinte.”

Há, nesse segmento, uma oposição semântica: erro x credibilidade. Para manter ou resguardar sua imagem perante os ouvintes, o entrevistado procede a um outro recurso: falar sobre credibilidade para abrandar a situação. Ele se apoia na tese de que todo mundo sabe, todos conhecem o

PT suficientemente bem para distinguir as pessoas que cometeram erros da entidade PT, enquanto partido, o qual cometeu apenas um erro e que tem que pagar agora, depois de vinte anos de credibilidade, por aqueles que puseram o nome do PT nessa situação. Apesar de essa relação ser feita entre pessoas e partido, o ex-presidente atribui a este último características humanas: o PT vai sangrar muito, defendendo afetivamente o partido e condenando as pessoas que não honraram sua filiação a ele.

Cabe, também, acrescentar que, ao proferir “todo mundo sabe”, o entrevistado se vale do coletivo, da generalização como suporte para enfatizar a credibilidade já obtida e que deseja manter, apesar de tudo (vê-se a entonação em “CREdibilidade”). Esses procedimentos combinados nos remetem à ideia de justiça, isto é, não culpar inteiramente o partido, mas aqueles que erraram, pois o partido merece crédito diante de tudo o que fez em vinte anos. Ele apela para o senso de justiça da população, que deve ponderar os argumentos expostos.

Existe, ainda, a presença da repetição, do alongamento e das pausas (“o PT cometeu um erro:: um erro::...”), com função de planejamento verbal que denota hesitação. Como podemos observar, o entrevistado visa a encontrar uma explicação adequada para o que lhe foi colocado. Como não pode negar o erro, tenta uma saída mais conveniente e branda.

Excerto 4:

Entrevistador: No episódio da compra do apartamento e do empréstimo para a mulher do José Dirceu... houve claros indícios de tráfico de influência

Entrevistado: Se há indícios tem que ter uma investigação séria e quero que ela seja feita pro Zé Dirceu como quero que ela seja pra mim... como quero eu que ela seja feita para você... a investigação tem que ser feita com a maior seriedade... (...) e e *pra mim...* se a CPI precisa de mais um mês mais dois meses mais outro mês... é um problema da CPI não é um problema meu... é um problema da CPI... *o meu papel nesse momento... é cuidar... deste país... o meu papel nesse momento é poder dizer ao povo brasileiro que a economia brasileira vai*

crescer... que nós vamos melhorar a distribuição de renda... e que o Brasil vai ser muito melhor em dois mil e seis do que foi em dois mil e cinco do que foi... em dois mil e quatro do que foi em dois mil e três... e de que o Brasil está conquistando a chance de ter um ciclo de desenvolvimento duradouro que possa ser de dez ou quinze anos... para que a gente possa tirar o Brasil... do eterno lugar de país emergente... para colocar o Brasil no rol dos países desenvolvidos... é pra isso que eu tô trabalhando e eu acho que a crise até serviu pra isso... sabe? primeiro serviu pra alertar a gente de que é preciso primeiro tomar mais cuidado... segundo é preciso fiscalizar mais... terceiro é preciso fortalecer as instituições... quarto é preciso exercer MAIS democracia e que a sociedade POSSA ter mais controle das ações do Poder Judiciário/do do do Poder Executivo do Poder Legislativo... e nós estamos criando TODos os instrumentos pra isso... porque veja... eu tenho um ano de mandato e esse ano de mandato eu quero fazer... com que ele seja exemplar pro o Brasil do ponto de vista das oportunidades que o Brasil tem que ter... a partir de dois mil e seis e já foi bom em dois mil e quatro?... foi bom... há muito tempo não se via o Brasil crescer como cresceu... em dois mil e cinco tivemos um problema porque a inflação voltou... sabe? (...)

Encontra-se, no caso acima, o uso dos marcadores de opinião “pra mim” e “eu acho que”, que constituem marcas da enunciação no enunciado. Apesar de apresentarem algum grau de incerteza, nesse caso, eles não manifestam o efeito de dúvida. No primeiro exemplo, o marcador “pra mim” ocupa a função de emolduramento, pois como afirma Rosa (1992: 46), ele “instrui a audiência sobre como interpretar adequadamente o enunciado”. A referida autora expõe:

As pequenas frases que constituem prefácios e pós-fácios de opinião colocam, também, em evidência o modo pelo qual o locutor enunciador deseja ser compreendido pelo interlocutor, orientando a interpretação do enunciado para determinado quadro cognitivo de referência. Podem indicar a incerteza do locutor a respeito

do que diz, mas parecem apontar igualmente para os limites da interpretação que se espera do interlocutor, com base no princípio de preservação das faces. (Rosa 1992: 47)

O segundo marcador (eu acho que) é um caso em que o entrevistado “projeta-se no discurso e marca sua opinião, mas não de modo categórico e definitivo (Urbano 1997: 93). “Eu acho que”, além de ser um marcador de função interacional, prefaciador de opinião, é também um modalizador que apresenta o falante investido de uma imagem, uma máscara de estadista comprometido e dedicado ao desenvolvimento da Nação. Ele admite a crise e, logo após, afirma que ela até serviu para colocar o Brasil no rol dos países desenvolvidos, elencando, para tanto, quatro argumentos que solidificam sua asserção e pontuando as questões para fortalecer seu discurso, o qual se baseia no senso comum (primeiro, segundo, terceiro, quarto). Esse procedimento legitima sua afirmação, e, assim, reverte-se o quadro negativo, pois, de outra forma, estaria colocando em xeque a credibilidade de suas ideias e ficando exposto a críticas e não aceitação.

Ao enunciar “o meu papel nesse momento... é cuidar... deste país... o meu papel nesse momento é poder dizer ao povo brasileiro que a economia brasileira vai crescer”, vê-se que, por meio da repetição do sintagma “o meu papel”, e pelo que se segue na margem direita da unidade discursiva, o entrevistado afasta a responsabilidade de sua função como responsável pela apuração das denúncias. Assim, ele aproxima-se de um papel mais conveniente, que é estar próximo dos brasileiros em seus anseios, que é de ser o protetor do país e encorajador de um futuro próspero para a economia.

Ele utiliza uma pergunta retórica “a partir de dois mil e seis e já foi bom em dois mil e quatro?... foi bom” (que não exige, necessariamente, resposta), já dando sua avaliação acerca do assunto que mais lhe convém: os anos de 2006 e 2004 já foram bons em oportunidades, desconsiderando o ano de 2005, que foi o ano de crise. Isso reflete o desejo de não ter sua pergunta contestada: ele já propõe uma resposta e não deixa espaço para questionamentos. É um procedimento argumentativo e, ao mesmo tempo,

atenuador, já que o entrevistado reforça seu discurso e diminui a força ilocutória de seu enunciado, caracterizando, assim, uma procedimento de preservação da face, visto que o entrevistado não pretende que o interlocutor manifeste opiniões contrárias às suas.

Excerto 5:

Entrevistador: Presidente uma última pergunta... hoje é dia primeiro de janeiro de dois mil e seis... onde é que o senhor deseja estar em primeiro de janeiro de dois mil e sete?

Entrevistado: (+) No Brasil em primeiro lugar ((risos))... *sabe?* tem muita coisa pra acontecer *éh::* eu *como disse agora há pouco* eu não defini... se sou candidato eu num tenho pressa de definir... *éh* vai depender de muitas conversas com... com os partidos vai depender de muita conversa com gente da sociedade... *éh:: éh::* *cê sabe que* eu tenho uma tese sobre a reeleição... *éh::* se eu... decidir ser candidato obviamente que eu vou decidir ser candidato... vou comunicar à nação brasileira se eu decidir que não sou... *sabe?*... ou estarei tomando posse ou estarei passando a faixa pra alguém que ganhou ((risos)) as eleições... *ah::* *a única coisa que eu tenho certeza...* *de dizer* ao povo brasileiro é que dois mil e seis... será o ano... será o ano... do povo brasileiro porque tá tudo engatilhado... tá tudo preparado... tá tudo armado para que o Brasil tenha um forte crescimento... uma forte distribuição de renda... muito emprego pra esse povo... e *quem sabe...* a gente construir junto... o Brasil... que nós sonhamos... há muito tempo construir

O entrevistador objetiva, como um último recurso, questionar o entrevistado acerca de sua pretensão à reeleição, utilizando para isso, uma pergunta, aparentemente desintencionada (“onde é que o senhor deseja estar em primeiro de janeiro de dois mil e sete?”).

Antes de iniciar sua resposta, o ex-presidente dá uma longa pausa, pois precisa pensar muito bem no que vai dizer para não ser mal interpretado. Após a declaração de querer estar no Brasil, vemos que há a presença dos risos. Sua função predominante, no exemplo acima, é a de levar a interação a bom

termo, ou seja, atenuar o clima gerado pela pergunta capciosa. De acordo com Marcuschi (1998), os marcadores não verbais ou paralinguísticos possuem papel crucial na interação face a face; contribuem para estabelecer, manter e regular o contato entre os participantes. Além desse recurso, é utilizado, também, o marcador “sabe”, a fim de buscar a aprovação do interlocutor com relação ao que foi dito pelo falante. Da mesma forma, ocorre no segmento “ou estarei tomando posse ou estarei passando a faixa pra alguém que ganhou (risos) as eleições”, no qual os risos cumprem a função de baixar o grau de tensão que o tema causou.

A retomada de tema está presente no trecho “eu como disse agora há pouco eu não defini... se sou candidato”. A volta a uma enunciação anterior tem a finalidade de se enfatizar o ponto a ser defendido, mostrando convicção e seriedade por parte do entrevistado, o que, conseqüentemente, afasta a ideia de não estar falando a verdade em relação ao assunto candidatura.

No recorte “*éh:: éh:: cê sabe que*”, observamos a existência das partículas de hesitação que servem para preencher uma pausa de planejamento verbal (*éh:: éh::*), seguidas da expressão “cê sabe que”. Por meio dessa expressão, o falante procura incluir o interlocutor como cúmplice, como alguém que compartilha de uma suposta verdade sustentada por ele. É um artifício que contribui para diminuir a responsabilidade de que o entrevistador possa negar ou se manifestar contrariamente ao que foi exposto pelo entrevistado, de modo que, se isso acontecer, quem estará quebrando o acordo tácito de polidez será o entrevistador e não o entrevistado. Assim, o entrevistado se mantém protegido em seu território.

Pode-se apreender, por meio do procedimento “a única coisa que eu tenho certeza... de dizer”, que o falante cria uma atmosfera mais confortável para poder oferecer ao povo expectativas positivas para o ano de 2006 e, dessa forma, conferir maior credibilidade e sinceridade à sua imagem.

Considerações finais

Primeiramente, é importante ressaltar que o ex-presidente Lula, na qualidade de Chefe de Estado, empenhou-se em proteger sua imagem perante a sociedade, sobretudo por se tratar de um entrevista exibida em rede nacional, em um programa transmitido em canal aberto (*Fantástico*, da Rede Globo), o qual possui grande índice de audiência e, conseqüentemente, alcança a atenção de milhões de pessoas. Por ser um veículo de comunicação de massa, a televisão alcança um grande número de telespectadores, e isso faz com que o entrevistado tenha maior preocupação em se precaver de possíveis reações desfavoráveis ou discordância do público. Diante das constantes intervenções e comentários capciosos do entrevistador, o ex-presidente demonstrou muito cuidado com suas explicações, especialmente porque o ano de 2006 era uma época muito delicada, pois, como se sabe, ele estava pleiteando sua reeleição.

Conforme observou-se no *corpus*, houve o uso de prefaciadores de opinião com valor atenuativo. Por vezes, eles denunciam certo grau de incerteza, e, outras, manifestam certeza a respeito do que é dito, o que, nesse caso, servem para manter ou controlar a construção da imagem que o locutor deseja exibir. O efeito de dúvida indica que o falante não assume integralmente o ponto de vista expresso, reduzindo a carga de responsabilidade em fazer uma afirmação para a qual não tem plena convicção. São sinais de abrandamento, pois diminuem a força ilocutória das asserções, devido ao fato de não demonstrarem um comprometimento direto e explícito. Houve, ainda, o emprego de prefaciadores de opinião, cujo papel está ligado à intenção do falante em orientar o ouvinte a respeito do modo como seu discurso deve ser interpretado. Esse recurso colabora para afastar discordâncias de opiniões que poderiam arranhar a face do locutor.

Cabe salientar que os risos se apresentam como estratégias muito válidas para amenizar uma situação delicada. São marcadores paralinguísticos que auxiliam o falante a criar um tom amigável diante de uma pergunta comprometedor ou capciosa. Isso serve para amenizar o grau de tensão causado pelo tema, gerando uma atmosfera mais suave, o que mantém a interação a bom

termo. Além disso, eles reduzem o nível de desconforto no qual o entrevistado se encontra, deixando o clima mais descontraído para se posicionar melhor frente aos questionamentos e não parecer ameaçado pela natureza da pergunta.

Salienta-se, também, que o ex-presidente, cuidando para desfazer ou evitar possíveis objeções ou discordâncias de pressupostos, pode servir-se de certos mecanismos de atenuação para sustentar seu discurso e, dessa forma, assegurar a persuasão necessária para tentar convencer os ouvintes. A posição subjetiva decorrente disso é a de tentar aproximar o interlocutor, de buscá-lo para perto como aliado. Os atenuadores prestam-se, ainda, a baixar a força ilocutória do enunciado, principalmente quando há a exposição direta do falante, como nos casos analisados.

Referências bibliográficas

- BELCHÍ, Dolores Anunciación Igualada. 1994. Estrategias comunicativas: la pregunta retórica en español. *Revista Española de Lingüística*. Madrid: Gredos. Año 24, fasc. 2, p. 329-344. Julio-Diciembre.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. 1987. *Politeness: some universals in language usage*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press (a primeira versão é de 1978).
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. 2000. *A língua falada no ensino de português*. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. 1999. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino. (Org.) *O discurso oral culto*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP - Projetos Paralelos, vol. 2, p. 173-194.
- GOFFMAN, Erving. 1974. *Les rites d'interaction*. Paris: Les Éditions de Minuit (Les Sens Commun).
- _____. 1999. *A representação do Eu na vida cotidiana*. 8ª ed. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes.
- GUMPERZ, John J. 1982. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.

- JUNG, Carl Gustav. 1981. Eu e o Inconsciente. Tradução de Dora Ferreira da Silva. In: _____. *Estudos sobre Psicologia Analítica*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes (Obras Completas de C. G. Jung, Volume VII), p. 111-294.
- KOTTHOFF, Helga. 2000. Gender and joking: on the complexities of women's image politics in humorous narratives. *Journal of Pragmatics*. Elsevier, vol. 32, nº 1, p. 55-80.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 1989. *Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções*. Campinas: Unicamp.
- _____. 1998. Nove teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua. A propósito dos "Parâmetros Curriculares no Ensino de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª Série do 1º Grau Menor". *Revista da Anpoll*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. São Paulo: Humanitas, nº4, p. 137-156. Jan./Jun.
- _____. 2006. *Análise da conversação*. 5ª ed. São Paulo, Ática.
- ROSA, Margaret de Miranda. 1992. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto.
- SCHNEIDER, Maria Elizabeth. 1998. Teoria da polidez e língua estrangeira. *Cadernos do IL*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, nº 20, p. 51-60. Dez.
- SILVA, Luiz Antônio da. 1998. Polidez na interação professor/aluno. In: PRETI, Dino. (Org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP - Projetos Paralelos, vol. 3, p. 109-130.
- URBANO, Hudinilson. 1997. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.) *Análise de textos orais*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, p. 81-101.
- VOGT, Carlos. 1989. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec.
- YULE, George. 1996. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press.